

BOLIVIANAS: HISTÓRIAS DE VIDA, TRABALHO E TRADIÇÕES EM SÃO PAULO

CAMILA COLLPY GONZALEZ FERNANDEZ*

Este artigo visa discutir o papel das imigrantes bolivianas em São Paulo na manutenção da identidade cultural, toma com foco as ações cotidianas e possui como método a História Oral. É resultante de um fragmento da tese, em desenvolvimento, que investiga a imigração boliviana em São Paulo, analisando os contextos sociais, políticos, econômicos e culturais que motivaram o deslocamento, por meio de histórias individuais e coletivas.

Sob a ótica da História Cultural são analisadas as manifestações tradicionais realizadas e apresentadas pelas imigrantes e seus descendentes que vivem em São Paulo. No dia a dia observa-se como lidam com os afazeres domésticos e com o trabalho, como se comportam nos momentos de festa e datas comemorativas, a importância da religião e a educação dos filhos fora do país de origem.

Essas imigrantes bolivianas nos trazem novas inquietações para o processo de imigração e abrem novas percepções, uma vez que estão se fixando em São Paulo, matriculando seus filhos nas escolas públicas, utilizando os mesmos serviços e espaços de lazer, a rua, a praça, os shoppings que os brasileiros. Se as mães são identificadas enquanto estrangeiras, os filhos nascidos em território Nacional, brasileiros, também o são.

* Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cursando o segundo ano, orientada pela Prof^ª. Dr^ª Maria Izilda Santos de Matos; Bacharel e Mestre em Turismo pelo Centro Universitário Ibero-Americano. Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Bolsista CAPES.

A Imigração Boliviana em números

O conturbado contexto econômico e social que a Bolívia vem apresentando desde 1952 com movimentos sindicais, revoltas populares, cortes de benefícios sociais, greves e instabilidade de empregos, promove a crescente emigração, segundo dados do CEPAL/CELADE em 1999 cerca de 20% da população boliviana já vivia fora de seu país.

Pode-se observar em estudos (IBGE, 2006 in XAVIER, 2010), um crescente aumento de bolivianos residentes no Brasil, no período compreendido entre 1938 a 1969. Destaca-se que nas décadas de 1930 e 1940 entraram 261 migrantes, enquanto que entre 1950 e 1951, esse número foi de 855. Já em anos anteriores, em 1947 foram 256, em 1948 um total de 306 e em 1949 apenas 129. Nos anos seguintes os números diminuem chegando a 1969 com 45 registros.

De acordo com o CELADE (Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía de 2006) os registros de chegada de migrantes bolivianos no país seguem um fluxo pouco expressivo nas primeiras décadas do século XX, se intensificando a partir de 1970 quando os dados apresentam 10.712 bolivianos residindo no Brasil, seguido por 12.980 em 1980, 15.691 em 1990 e 20.398 em 2000. (XAVIER, 2010)

Complementando essa análise com os dados do Censo Demográfico 2000 (XAVIER, 2010) referentes aos bolivianos que residiam no Brasil até o momento, 1.893 (de um total de 20.387 censados em 2000) chegaram ao país entre 1950 e 1969.

A presença boliviana em São Paulo tem maior visibilidade a partir dos anos 50, registros de intercambistas do programa cultural Brasil-Bolívia¹, quando muitos imigrantes aqui desembarcaram para estudar, mas com o término dos estudos iniciaram suas atividades laborais e posteriormente especializações. O acordo bilateral realizado entre o Brasil e a

¹ Esse convênio bilateral foi firmado em 1958 e fez parte de um conjunto de acordos entre Brasil-Bolívia com objetivos diversos – como resolver questões em torno da exploração de petróleo, pendências na demarcação de limites entre os países, na área de transporte ferroviário, comércio, promover o intercâmbio cultural, entre outras medidas – denominado Ata de Roboré. Além disso, Andrade (2004) mostra que, já no início da década de 1950, também houve um projeto de cooperação científica Brasil-Bolívia na área de física, revelando que o histórico de acordos entre os dois países pode ser ainda mais amplo. Em trabalhos sobre a ocupação de uma das áreas da fronteira Brasil-Bolívia (o caso do estado do Mato Grosso do Sul), Manetta (2009) indica também a existência de intercâmbios comerciais entre os dois países na década de 1960, relacionados especificamente às áreas fronteiriças, embora não explicita se existiram. In XAVIER, Iara. 2010. p. 44.

Bolívia propiciou essa entrada de estudantes e profissionais liberais. Mas somente em 1980 esse fluxo se intensificou, apresentando 1360 bolivianos na década de 80 e 4974 em 2000. (XAVIER, 2010)

O fluxo feminino também se intensifica a partir dos anos 80 (SILVA, in BAENNINGER, 2012) com a crescente demanda por mão de obra das oficinas de costura, que empregam 80% do total de imigrantes bolivianos que aqui chegam. Pode se falar em um início da feminização da imigração, “o atual contexto dos fenômenos migratórios obriga a construção de novos olhares e perspectivas”(MOROKVASIC e EREL, 2003,p.15). As mulheres não são mais invisíveis, ou apenas acompanhantes nos processos migratórios, em Corumbá (MS) as mulheres sempre apresentaram fluxos iguais ou superiores aos homens, se concentrando na área do comércio, segundo PERES e BAENNINGER(2011) as redes femininas são facilmente identificadas.

Hoje, segundo Jaime Valdívia Almanza (cônsul-geral da Bolívia em São Paulo) temos na capital cerca de 350 mil bolivianos, entre legais e ilegais. O cônsul estima que restam 100 mil ilegais na cidade, pois o trânsito de trabalhadores entre os dois países é livre, todos recebem visto temporário e renovável por dois anos até obterem o visto definitivo. (BALAGO, 2013. p.20)

A importância da mãe na formação e manutenção da identidade cultural dos filhos

A história das mulheres não só delas é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos. (DEL PRIORE,1997.p.7)

Num contexto de emigração onde o deslocamento se faz presente, o imigrante traz consigo seus valores, costumes, tradições, sua identidade. Porém esses valores estão desconexos com a nova realidade encontrada no país destino.

De acordo com a pesquisa, é no núcleo familiar, no dia a dia, que os pequenos gestos e atitudes aprofundam as formas de transmissão cultural, sejam elas expressas na fala, no comportamento dos pais, nas tradições passadas pelos mais velhos, nos hábitos culinários, nas

cantigas, nas festas e com esses signos que o indivíduo se reconhece como parte de uma sociedade. (FERRY, 2010).

Para viabilizar a discussão acerca das temáticas de manutenção da identidade cultural instrumentalizou-se a coleta de depoimentos de imigrantes bolivianos radicados em São Paulo desde 1979, mãe e filho. Moradores do bairro da Freguesia do Ó, um adulto jovem, de 31 anos brasileiro, filho de bolivianos, formado em Sistemas de Informação, que trabalha em uma empresa de TI no Jardim América com desenvolvimento de lojas virtuais. E sua mãe uma senhora boliviana, do departamento de Cochabamba, de 61 anos de idade, que formou-se professora na Bolívia. Hoje dona de casa e que mantém com fervor as tradições de seu povo. No trecho a seguir a depoente demonstra a preocupação com a união familiar, pai e mãe sempre juntos na formação dos filhos.

[...](sic) Eu me casei vim pra cá, aqui não trabalhei. Me formei professora na Bolívia, aqui não trabalhei como professora. Nós tivemos um restaurante, também fabricamos sorvete. Eu sempre trabalhei em casa para ficar perto dos meus filhos. Mas meu marido sempre teve a oficina dele. Oficina de funilaria de carros que sempre foi em casa ou bem próxima de nossa casa.

Estudos realizados pelo ECLAC (2007) a respeito do número de horas que mulheres e homens dedicam ao trabalho familiar não remunerado, demonstram que as mulheres dedicam muito mais tempo do que os homens ao trabalho familiar. Os estudos revelaram que as bolivianas dedicam cerca de 35 horas por semana ao trabalho não remunerado e os homens apenas 9 horas, já que se dedicam mais as atividades econômicas remuneradas (42 horas semanais) e as mulheres 26,6 horas. Porém ao somar-se as horas destinadas as atividades remuneradas e não remuneradas percebe-se que a jornada semanal das mulheres é mais longa.

No próximo trecho observa-se os traços da identidade boliviana presentes no cotidiano da família e identificados pelo descendente:

[...](sic) Mas aqui em casa só cultura boliviana, comida, música. Meus pais sentem saudade e gostam da cultura boliviana, então em casa era só o que tinha. Acho que por ser mais raro e a cultura brasileira estava disponível. E eu acabei adquirindo gostos antigos, alguns jovens bolivianos não conhecem. Acho que podem ter vindo da barriga da minha mãe, porque ela já veio grávida de mim da Bolívia. Acho que a gente sente, eu acabei que tenho uns gostos diferentes. Hoje eu acho mais rápido a letra de uma música, mas antes às vezes levava um ano para eu saber a letra toda. Tinha a impressão que conhecia e ia atrás. Sempre tentando não deixar de lado o estrangeiro. Até meus erros na escola eram porque eu aprendi as primeiras

palavras em espanhol. Meu pai sempre alugava um local para não se afastar da família tendo um local para morar e trabalhar.

Quando perguntado sobre o primeiro idioma que aprendeu, o depoente mencionou que foi o espanhol, com sua mãe. Comenta também que quando era criança seus pais falavam algumas palavras em quéchua para esconder algo dele e de seus irmãos, mas que hoje, não mais, pois já entendem.

Comenta a maior identificação e liberdade de falar em espanhol com a mãe, conforme segue: (sic) “Quando criança tinha um bloqueio de falar em espanhol com meu pai. Depois crescendo e me sentindo mais a vontade passei a falar em espanhol com ele também.” O idioma é um sistema simbólico capaz de organizar a percepção de mundo do indivíduo e é um diferenciador por excelência, traz a identificação com o grupo e as raízes da família da qual pertence. (SILVA, 2005)

O trabalho em casa e os filhos

A depoente comenta que com tantos afazeres domésticos e o trabalho domiciliar para melhorar a renda, sobrava-lhe pouco tempo para repassar a cultura boliviana para seus filhos. Como segue: (sic) “A cultura, as danças, só. Não tinha muito tempo para dedicar aos filhos sempre com muito trabalho.” Mas que com a idade e a chegada da neta, o tempo mudou. “Tenho mais tempo para ficar com ela, não quero que ela faça nada, quero brincar. Não posso ver uma criança chorando que já penso nela e choro também.” A depoente aguarda todos os dias a neta chegar da escola, enquanto sua filha não chega para buscá-la, oferece-lhe o jantar, brinca, ensina espanhol, músicas e danças bolivianas. “A minha sobrinha fala algumas coisas em espanhol e dança e canta muito bem, alguns bolivianos quando a vem pensam que ela é boliviana.”

Segundo Debert (1999,p.8) as mulheres na velhice sofrem por já não serem mais produtivas, poderem gerar filhos e criá-los, experimentam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação – como mulher e como idosa. Porém o que identifica-se na pesquisa é a importante presença da Avó boliviana no cuidado com as crianças, e manutenção da herança cultural às outras gerações.

Willians (1993,p.6) in Escosteguy (1999,p.21) apresenta a definição de cultura, no que diz respeito à sua abrangência e qualificação, refuta de imediato qualquer concepção elitista.

O autor enfatiza também que uma cultura genuinamente “comum” somente seria possível num contexto de comunidade. E destaca a importância das gerações passadas para as futuras que mesmo sem perceber reproduzem aspectos de caráter social e cultural da vida cotidiana em suas novas estruturas. (WILLIANS, 1989 a, p. 49).

O filho falando de projetos futuros nos quais pensa em utilizar todo o aprendizado e a experiência de vida de sua mãe.

(sic) [...] tenho vontade de montar uma empresa e não quero descartar a cultura boliviana nesse aspecto. Não quero usar a minha mãe, mas todo o conhecimento dela. Acho que não pode se perder. Hoje com a curiosidade pela culinária diferente e a situação financeira dos moradores de São Paulo, eu acho que daria muito certo. Nós tivemos o restaurante por 8 anos. A parte técnica de cozinhar não entendo, mas os eventos, a cultura eu entendo.

Segundo Jung (1990,p.239), “cada mãe contém a filha em si mesma e cada filha contém a mãe”, assim como “cada mulher se projeta recuando na mãe e avançando na filha”. No caso pesquisado trabalha-se com a relação de mãe e filho, mas as representações se dão da mesma maneira. Os conhecimentos tradicionais, os costumes e hábitos cotidianos da mãe estão presentes na educação e forma de ver o mundo do filho, formando sua identidade híbrida.

Festas religiosas e Comemorativas

Nos momentos de festa e manifestações religiosas o imigrante demonstra suas raízes culturais, valoriza as tradições e os costumes de seus antepassados e anseia que seus descendentes o façam da mesma maneira.

O dia de Finados (2/11) é um exemplo marcante nessa família, as preparações começam no dia de todos os Santos (1/11) quando todos se preparam para receber as almas defuntas, que vem visitar os vivos. “Essa festa na Bolívia coincide com a troca das estações, da seca para as chuvas, indicando descanso e crescimento”(...) essa festa expressa a preocupação do povo andino com a fertilidade e a boa vida na terra. (SILVA,1997.p. 225).

A mãe comenta:

(sic) Ah! as festas de finados, dos mortos, isso eu faço. Faço as comidas, ponho as frutas que a minha mãe gostava, que o meu pai gostava, os doces, tudo o que meus

pais gostavam. Faço os bonequinhos na forma de pessoas como eles. Arrumo tudo, ponho a santa as velas. E não deixo ninguém comer, monto a mesa pra eles.

A mesa montada para receber as almas se chama Tumba ou Altar de todos os Santos, com os alimentos e as bebidas que os antepassados preferiam em vida. Alguns elementos são indispensáveis como as velas, a chicha, as frutas, balas e folhas de coca. Encontramos também cerveja e pães antropomórficos na forma de homens, mulheres e zoomórficos, animais representando os bens que o finado possuía em vida. Elementos religiosos também estão presentes, a Santa, a cruz e a escada que facilita a subida da alma de volta para o céu.

O filho percebe as tradições familiares e a presença da fé católica, acredita que com o tempo e a ausência dos pais dará mais valor a cada uma delas, segue:

(sic) Coisas que são realmente relacionadas a religião, como a fé, como acreditar na Santa, o dia de finados. Eles acham muito importante e eu acredito que quando eles faltarem eu vou fazer e vou dar mais valor a tudo isso. Hoje fico mais acomodado porque vejo que minha mãe faz. Mas me lembro de criança quando ela arrumava a mesa toda e com vários tipos de comida e não deixava a gente mexer. Outras coisas peculiares de manhã minha mãe nos acordava com gemada de cerveja preta. E nos aniversários minha mãe sempre fazia um prato que eu gostava muito, sopa de maní². E depois quando adolescente eles resgataram muita coisa para colocar no restaurante. Até a forma de confraternizar com os clientes no carnaval com as bisnagas de água. E o balanço. Meu tio ia tocar e confraternizar com os amigos.

Quanto mais inserido no contexto social, quanto maior o grau de reconhecimento e identificação cultural, mais próximo o indivíduo estará do seu território, esteja ele no país de origem ou não.

Alguns exemplos dessas aproximações culturais, entre costumes e tradições de brasileiros e bolivianos podem ser notados nas festas devocionais, nas festas de carnaval e até mesmo no uso de símbolos (SILVA, 2005, p.77-83). Como a LLama Branca, sacrificada à Pachamama na ocasião do plantio, aparecendo como mediação entre a morte e a vida. Da mesma forma que o Boi encontrado nos Bois-bumbás de Parintins e nos Bumba-meu-boi da região nordeste.

Conceitos de territorialidade e poder também podem ser discutidos sob a ótica do migrante, pois as buscas constantes pela mobilidade econômica e pelo reconhecimento social fazem

² Sopa de Maní, ou sopa de amendoim especialidade de Cochabamba, bem como a tradicional bebida fermentada de milho a Chicha.

parte do contexto de qualquer emigração, o significado simbólico do “Fazer a América” se faz presente.

Nessa família percebe-se claramente a importância da religião, o pai e a mãe, participam e organizam as novenas à Nossa Senhora de Copacabana e a Virgem de Urkupiña.

(sic) Eu participo das festas, por exemplo, a de Nossa Senhora de Copacabana que é em Agosto, que tem que fazer novenas. Começa em novembro e vai até agosto. Recebo a Santa da igreja da Paz, vem o padre fazer a missa aqui. E às vezes até alugo um salãozinho.

A mobilidade econômica no país destino pode até se concretizar, como no caso dessa família, porém o reconhecimento social se torna mais difícil já que no Brasil todos são vistos enquanto estrangeiros. As estratégias traçadas por esses imigrantes se dão no fato de romper com o anonimato, voltar-se para seus grupos e através da recriação de valores culturais, como é o caso dos presterios³, relações de apadrinhamento entre os compatriotas estabelecidas no âmbito religioso, de trabalho, popular e na vida familiar. Valores trazidos do país de origem e que o imigrante não está disposto a negociar para a formação de uma identidade híbrida. (SILVA, 1997)

Percepção do depoente acerca do reconhecimento social na comunidade boliviana, (sic)“Os meus pais são muito antigos aqui. E os mais antigos que estão ativamente nas comunidades os conhecem e nos recebem em família. É muito bom.”

Esse artigo pretendeu destacar a importância da presença feminina (mãe) que com seu trabalho e dedicação na educação de seus filhos atua firmemente nos processos de manutenção da identidade boliviana no cotidiano de uma família imigrante, deixando suas marcas, seus valores, hábitos e costumes em seus descendentes e na cidade de São Paulo.

Referências

BAENINGER, Rosana. *Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

BAENINGER, Rosana e PERES Guimarães, Roberta. *Espaços Migratórios na Fronteira: Imigração Boliviana e Gênero*. Trabalho apresentado no IV Congresso Paraguaio de

³ Presterio: um festeiro que é escolhido para organizar uma festa, como forma de agradecer a uma santa ou um santo de sua devoção uma graça alcançada. SILVA, 2005,p.36.

População da Associação Paraguaia de Estudos de População. Assunção, 14 a 16 de novembro de 2011. (NEPO/UNICAMP).

BALAGO, Rafael. *Hoje os bolivianos investem em São Paulo*. Revista Folha de São Paulo. São Paulo, 21 a 27 de abril de 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p.201-203.

DEBERT, Guita Grin . *Gênero em Gerações* in Cadernos PAGU Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP 1999:vol. 13, p.8.

DEL PRIORE, Mary. *História do Cotidiano*. São Paulo: Contexto, 1997.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damborirema. *Cartografia dos estudos culturais: Stuart Hall, Jesus Martín – Barbero e Nestor Garcia Canlcini*: Tese de doutorado apresentada À ECAUSP em Ciências da Comunicação. SP: USP, 1999.

FERRY, Luc. *Famílias, amo vocês: política e vida privada na época da globalização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FREITAS, Sonia Maria. *História Oral*. São Paulo: Humanitas, 2002.

_____. *História Oral: Possibilidades e Procedimentos*. São Paulo: LTC, 2002.

GASKELL, George. *Entrevistas Individuais e Grupais*. In: BAUER, Martin W. & HALL, Stuart. *A Questão da Identidade Cultural*. Textos Didáticos. N.18; fev. 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11.ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JUNG, Carl Gustav in Bassoff, Evelyn. *Mães e Filhas* . São Paulo: Ed. Saraiva, 1990. p. 239.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUCS, 2002.

PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e Os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo 2, Revista do Departamento de História. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: Relume, Dunara, dez/1996.

_____. *História Oral como gênero; Forma e significado na História Oral: A pesquisa como um experimento em igualdade* . Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP. São Paulo, (14), 1997.

_____. *Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP. São Paulo (15), abril, 1997.

SILVA, Sidney A. da. *Bolivianos. A presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Lazuli, 2005.

_____. *Costurando sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SILVA, Sidney Antonio da. *A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo*. São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 3, p. 77-83, jul./set. 2005.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Bomtempo Editorial, 2004. p. 113-133.

XAVIER, Iara Rolnik. *Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na região metropolitana de São Paulo*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Demografia. Unicamp. Campinas - SP. 2010.

Censo Demográfico 2000. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

Ministério das Relações Exteriores - “acordos formais/políticos nesse sentido”

Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/dai/biboliv.htm>

CELADE - Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía. “Pueblos indígenas y afrodescendientes de América Latina y el Caribe: información sociodemográfica para políticas y programas”. Santiago del Chile, 2006. Disponível em: <http://www.eclac.org>

UN Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), 2007.

Estatísticas para la Equidad de Género: Magnitudes y Tendencias en América Latina (Santiago). In Versão portuguesa: Igualdade no Trabalho: Enfrentar os desafios. Relatório Global de Acompanhamento da Declaração da OIT relativa aos Direitos e Princípios Fundamentais no Trabalho. Disponível em: http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/igualdade_07.pdf

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL